

Intelectuais e pequena-burguesia: os romances de Benjamim Costallat na conformação de classe na periferia do capitalismo

Pedro de Castro Picelli

Universidade de Campinas, Brasil

 <https://orcid.org/0000-0001-6598-8273>
pedrocastropicelli@gmail.com

Introdução¹

Todo estudo que, de alguma maneira, trabalhe com a formação do público literário no Brasil pressupondo-o como *dado de pesquisa* se defronta com uma barreira de natureza empírica de incontornável efeito analítico: a fragilidade das fontes.

Se por um lado, elas permitem inferir alguns atributos sociológicos dos agentes e de suas relações no plano da cultura, por outro, encarnam-se no próprio esforço metodológico e interpretativo. A despeito do caráter reflexivo do método na prática das ciências humanas, esta condição se repõe inevitavelmente no acumulado de pesquisas sobre as ideias e seus portadores, como também na elaboração imaginativa de cada novo trabalho.

Dito de outro modo, todo estudo sobre a literatura pela perspectiva de seus produtores se torna também um esforço epistemológico em que sujeito e objeto se confrontam. Este confronto, então, conformou modelos teóricos explicativos sobre a

¹ Este artigo é fruto de pesquisa desenvolvida com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) em formato de bolsa de doutoramento. Instituição a qual agradeço.

dimensão social dos intelectuais e de seu público. Tal problema se expressou em escolhas cognitivas do problema de pesquisa, referenciais teóricos e atalhos metodológicos mobilizados na investigação.

Dois exemplos clássicos: sabendo dos baixos índices de alfabetização na sociedade brasileira em aburguesamento, pôde-se, por derivação ou homologia, retroceder à origem social dos grupos leitores. Ou, pela circunscrição do objeto a um espaço restrito de análise, tomá-lo como estudo de caso. Nos estudos de autores e autoras, as escolhas ficam mais evidentes, uma vez que o recorte analítico esteve reduzido a poucas figuras e delas se fez exemplo heurístico para determinados problemas da totalidade.

O ponto que quero chamar atenção, entretanto, é o pressuposto teórico implicado na caracterização dos produtores de literatura - leitores e intelectuais - na virada republicana. Ela é comumente realizada qualificando as relações entre estrutura social e cultura em termos de homologia ou reflexo entre as esferas. O que, a meu ver, condiciona as análises privilegiando o estudo do pensamento nas obras *ou* dos sujeitos de carne e osso; assim, reforçando a disruptiva teórica entre ideias e sociedade.

Neste sentido, não há qualquer descompasso entre estratégia descritiva em relação aos pressupostos teóricos mobilizados. Todavia, penso que ela se sustenta sobre princípios lógicos que versam antes sobre a estrutura das desigualdades sociais refletindo-a na esfera cultural.

Dito de outro modo, qualificando a relação entre atividade intelectual e empiria em termos de exterioridade lógica, mas também social. Como se as ideias não fossem fundamentais para a conformação de classe, por exemplo.

O desafio de parte expressiva das pesquisas tem sido refinar a descrição dos grupos sociais para compreender os *ajustamentos* (Cf. MORETTI, 2014) culturais dados aos processos sociais *pela* literatura.

Neste sentido, os dados, fontes e a lógica dedutiva se mostram insuficientes na construção de novos modelos explicativos sobre a reflexividade² entre as ideias e a vida material. Posto que cada vez mais vez tem-se evitado tomar as abstrações da vida material como indicativos exteriores ao processo social, trabalhadas em análises dicotômicas (Cf. BOTELHO; HOELZ, 2016).

Este artigo não pretende desenvolver o diagnóstico apresentado. Mas, a partir dos primeiros resultados de uma pesquisa empírica, repensar o problema através da

² Por reflexividade, tomo a definição apresentada por André Botelho e Mauricio Hoelz (2016, p.280-1): “Considerar literatura e sociedade como mutuamente referidas ao mesmo tempo exige e permite passar do paradigma do “reflexo” ao da “reflexividade”. Implica a discussão não somente de novas formas de compreensão sociológica do literário (isto é, do artístico), como vem sendo feito, mas também da própria vida social como compreendendo tanto estruturas e recursos materiais quanto imateriais. E de como estes últimos, em interação contingente com os primeiros, podem ou não influenciar a ordem social da qual fazem parte e também são elementos relevantes para as possibilidades de ação coletiva e mudança social. No centro dessa problemática, coloca-se a necessidade de se completar o movimento analítico característico da sociologia da literatura como devedora das premissas fundamentais da sociologia do conhecimento, segundo as quais a literatura é socialmente construída, para buscar modos consistentes de demonstração de que ela também participa da construção da sociedade.”

relação entre intelectuais e seus públicos no processo de mudança social. Sob o prisma da consolidação de uma pequena-burguesia nacional na afirmação da ordem competitiva da periferia do capitalismo. Sugerindo qualificá-la pelas visões de mundo desta classe social ao elaborar seu próprio conhecimento sobre a sociedade.

Isto é, pensar a formação de classe através de seu estilo de pensamento pela reflexividade entre as ideias e o processo social. Assumindo o que Élide Rugai Bastos e André Botelho (2010, p.914) definiram como o “desafio central” para uma sociologia dos intelectuais, ou seja, “completar o movimento característico da Sociologia do Conhecimento”.

Em síntese, proponho pensar a consolidação da pequena burguesia na periferia do capitalismo através da forma literária dos romances de Benjamim Costallat. Assim, analisarei as representações, figurações e soluções atribuídas pelos livros como chaves para a compreensão da formação de uma classe por meio das ideias que lhes ajudaram a elaborar os efeitos e sentidos da mudança social.

O texto estará dividido em duas partes mais amplas, compostas por subtópicos. Neles sustentarei duas hipóteses. A primeira delas de que os textos podem ser lidos como romances de formação. Para em seguida argumentar que eles também forjaram sentidos para modernidade capitalista mobilizando um estilo de pensamento conservador, assentado pelo que chamarei de princípio formal da precariedade³.

Intelectuais de Benjamim Costallat: pequena-burguesia e estilos de pensamento de uma fração de classe nos romances populares.

A proposta deste texto parte do estudo de romances de Benjamim Costallat (1897-1961, um intelectual “anatoliano” (Cf. MICELI, 2015). “Polígrafo” (MICELI, 2015) dos anos 1920 e 1930, conhecido por suas crônicas e romances de brochura vendidos “aos milheiros” na capital federal em um período de expansão do letramento das pequenas burguesias e classes médias urbanas.

No entanto, esta escolha tem razão de ser. Por ela, pretendo pensar a reflexividade entre o romance de ampla circulação e o processo de conformação classista de determinados produtores culturais no correr das dinâmicas de modernização da sociedade carioca.

³ Para realizar este objetivo, temos como referências teórico-metodológicas distintas, mas que se combinam. São elas o trabalho de Raimundo Faoro, *A Pirâmide e o Trapézio* (1974), e o de Roberto Schwarz, *Um Mestre na Periferia do Capitalismo: Machado de Assis* (1990).

No limite, trato de observar os dilemas da consolidação da pequena-burguesia na ordem competitiva da periferia do sistema através de seu estilo de pensamento tomado forma literária. Assim, um intelectual e seu público são recursos analíticos para compreender a consolidação de uma classe por meio das ideias que lhes ajudaram a elaborar os efeitos e sentidos da mudança social (Cf. CHAGURI; MEDEIROS, 2018).

Neste sentido, argumentarei que as intenções do pensamento deste grupo social elaboraram a modernidade capitalista através de um estilo de pensamento conservador, sustentado pelo princípio formal da precariedade.

Os romances estudados são *Mademoiselle Cinema: novella de costumes de um momento que passa...* (1922), *Gurya* (1929), *Katucha* (1931) e *A Mulher da Madrugada* (1934). Mas é a “interpretação da realidade através da representação literária” (AUERBACH, 2007, p.499) do intelectual nestas obras que interessa à análise.

Uma vez que, como dito há pouco, o esforço de construção lógica ou estética empreendido pelo sujeito revela em alguma medida o confronto com seu objeto; neste caso, o romancista Costallat com suas representações de intelectuais.

O que a construção narrativa destas personagens e seu encaminhamento formal dizem sobre os fenômenos de modernização na periferia do capitalismo? Qual estilo de pensamento suporta os “sintomas de democratização” (MANNHEIM, 1963) nessa sociedade para uma pequena-burguesia?

Para responder estas perguntas, é necessário posicionar analiticamente a barreira com a qual abri este texto. Ou seja, criar estratégias interpretativas que me permitam realizar a caracterização de uma fração de classe a partir do caráter reflexivo entre empiria e abstração nas dinâmicas materiais da vida social.

Mademoiselle Cinema: novela de costumes do momento que passa... (1922): o fenômeno da democratização.

Roberto Fleta (COSTALLAT, 1922) embarcou no *Arlanza* do Rio de Janeiro rumo à Paris no auge de sua carreira intelectual. Fleta ganhara reconhecimento como um “sensacional escriptor brasileiro” através de *A Mulher que Peccou*. Romance protagonizado por uma jovem garota dos anos 1830, “condenada” pela sociedade por “pecar” sem sequer ter consciência do ato.

Benjamim Costallat não desenvolve as motivações da viagem do romancista, nem tampouco revela ao leitor as condições da viagem. Pouco revela sobre o enredo e o pecado d'*A Mulher*. O que se sabe é que o livro, escrito com “cynismo” e “com uma grande fundo de moral e piedade” (COSTALLAT, 1922, p.67), compõe suas protagonistas como “produtos do meio”. No entanto, se a narrativa escrita por Fleta

não se passa quando de seu lançamento, em 1922 (1923)⁴, a de Costallat, sim. Cruzam-se obras, autores e os processos sociais que culminam com a consolidação da ordem burguesa na sociedade carioca.

Aos quarenta e cinco anos, Fleta ensinava algo ao público por meio de sua obra (Cf. COSTALLAT, 1922). A despeito de ser um “escriptor escandaloso”, vivia com a esposa e um filho num “maravilhoso bungalow” em Santa Teresa; frequentava os ambientes de um “escriptor moderno”, cuja “maior glória é ganhar [...] muito dinheiro com a sua literatura” (COSTALLAT, 1922, p.71).

Benjamim Costallat, por sua vez, tinha vinte e cinco anos quando publicou *Mademoiselle Cinema*. Bacharel em direito, jornalista, romancista e cronista do Rio, passara um tempo fora do país antes de escrever sua obra mais conhecida. Nos anos 20, foi um dos homens de negócios que mais se engajou na “campanha pelo livro nacional” (ver FRANÇA, 2010) apostando na expansão do comércio de brochuras populares, circulando suas obras por sua própria editora, a Costallat & Miccolis.

Em um sentido muito específico, Costallat e Fleta foram efeitos da consolidação da ordem burguesa via expansão dos mercados urbanos (Cf. FERNANDES, 2020). Bem como do desenvolvimento da “democracia como fenômeno da cultura em geral” (MANNHEIM, 1963).

Em outras palavras, efeitos constitutivos do processo de modernização social, que combinou o modo de realização do capitalismo e dos princípios democráticos - como um “fenômeno sociológico estrutural” (Cf. MANNHEIM, 1963) - no Rio de Janeiro. Eles foram os protagonistas de nossa revolução burguesa possível⁵, na passagem do modo de produção escravista à generalização do trabalho assalariado.

Não em razão de suas ocupações, atribuições ou características individuais, mas da dinâmica de conformação de uma fração de classe da burguesia na periferia. Como expressões do que Karl Mannheim (2008, p.105) denominou de “revoluções de classe média”.

O Rio de Janeiro da virada republicana era o maior centro urbano-industrial, bem como sede de importantes órgãos, repartições, serviços públicos e privados do país (Ver: COSTA PINTO, 1953). Era um dos poucos *locus* em que a conformação classista avançava solidamente a partir da desagregação do regime estamental.

Toda estratificação, retomou Octavio Ianni (1972, p.11), é um “processo estrutural” que “depende da maneira pela qual os homens se reproduzem socialmente”. Ou seja, os padrões de reprodução social realizam-se “diretamente ligados ao modo pelo qual eles organizam a produção econômica e o poder político”.

⁴ Existem divergências em relação às datas de publicação da primeira edição da obra de Costallat. Adoto aquela indicada pelo projeto desenvolvido pela Biblioteca Digital de Literatura de Países Lusófonos da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Endereço para o acesso: <https://www.literaturabrasileira.ufsc.br/>. Acessado em 3 de outubro de 2022.

⁵ Entendida a partir de Florestan Fernandes (2020, p.38) que a definiu não como um “episódio histórico”, mas “fenômeno estrutural” (p.38), que se pode reproduzir de modos relativamente variáveis, dadas certas condições ou circunstâncias, desde que certa sociedade nacional possa absorver o padrão de civilização que a converte numa necessidade histórica”.

De modo que a forma de distribuição dos produtos, custos e papéis sociais alicerçam-se na “base da estrutura social” da sociedade; portanto, é somente através do processo de estratificação que se organizam as “estruturas de apropriação” e “dominação”, direcionando as “condições de classificação e mobilidade social” (IANNI, 1972, p.12) dos agentes. A sociedade classes, por exemplo, secularizou a cultura e o comportamento através de duas instâncias fundamentais a “propriedade [privada] e o mercado” (Cf. IANNI, 1972).

Este processo de secularização, entretanto, não culminou na superação completa de traços estamentais na sociedade burguesa da periferia.

Antes, emergiu uma nova “configuração histórico-estrutural” pela qual se desenvolveram as relações produtivas, reprodutivas e também as possibilidades de consciência das classes sociais (IANNI, 1972); combinadas pela reposição moderna do atraso em um capitalismo dependente (Cf. BASTOS, 2020; FERNANDES, 2020).

Desta combinação dialética entre o passado e aquele presente, emergiu o “fenômeno sociológico estrutural” da democracia (Cf. MANNHEIM, 1963)⁶. Logo, se “cada período propõe suas próprias questões”, este especificamente lançou os grupos sociais ao seu “autodescobrimento”, em uma “época de crescente autoconsciência”, nomeando o conhecido e o desconhecido (MANNHEIM, 2008, p.69).

Em *Mademoiselle Cinema* o diagnóstico sobre o processo social é mais explícito do que nos demais romances de Costallat. Roberto Fleta embarcou com destino a Paris no mesmo navio da Família Pontes – o pai, ex-ministro, a senhora Pontes e a filha Rosalina (“uma menina escandalosa de uma época mais escandalosa ainda”) (COSTALLAT, 1922, p.46).

Para apresentar o caráter de Rosalina, ou simplesmente “Mme. Cinema”, Benjamin Costallat retornou ao seu primeiro beijo, ainda “ingênua”, porém deixando de ser “innocente” (COSTALLAT, 1922, p.54). A perda de inocência foi fonte de “desilusão” por não poder casar-se mais o “príncipe encantado”. Rosalina “sofreu. Sofreu muito” (COSTALLAT, 1922, p.55). Porém, tal qual a protagonista de Fleta, ela não tinha culpa. A “organização social”, expressada pelo *flirt*, lhe corrompera o sonho.

Fora o *flirt* que aproximou Rosalina e Fleta. Vindo da Inglaterra e se espalhando para o mundo, transformou-se em elemento constitutivo desta “sociedade internacional da qual o Rio mundano é uma das menos brilhantes, das mais pobres e mais ridículas adjacências” (COSTALLAT, 1922, p.57).

Enquanto um “acto de volúpia singular e hypocrita”, alargava os limites da “bandalheira permitida” e da “sem-vergonhice tolerado sob a protecção dos chás das cinco, dos “dancings”, das visitas às amiguinhas e das trevas cinematográficas [...]” (COSTALLAT, 1922, p.59). Foi a expressão do “amor das semi-virgens”, da “mulher elegante” que fazia a “felicidade de muitos homens” e da “mulher feia”, a de “um homem só” (COSTALLAT, 1922). Rosalina fizera a felicidade de Fleta.

⁶ Sobre as relações entre o moderno e o arcaico nos processos de modernização brasileira, ver Franco (1997) e Tavolaro (2014).

A “menina”, como definiu Costallat (1922), “educada sob certos costumes da época, nunca poderá ser mãe nem esposa”. Fruto desta sociedade, “cuja moral varia conforme a moda”, ficaram-lhe “vedadas as mais puras e as melhores alegrias da vida”⁷. Ainda assim, Rosalina permanecia virgem – “esta cousa secundária em que os homens collocam a honra das meninas” (COSTALLAT, 1922, p.62) - até encontrar-se com Roberto Fleta no convés em uma das noites em alto mar.

O casal Pontes tomara conhecimento do caso amoroso com aquiescência. A senhora Martins Pontes ficou “enthusiasmada por conhecer em carne e osso um autor, ella que até então só conhecia autores encadernados [...]” (COSTALLAT, 1922, p.77). Mademoiselle tornou-se para Fleta “toda sua mocidade passada, toda a sua alegria de viver [...]” (COSTALLAT, 1922, p.89).

As implicações do “amor moderno” entre uma “garota de época” e um “autor” parecem-me ser fundamentais para a qualificação do “*momento que passa*” e de suas representações literárias no romance inaugural de Costallat. Ela se estende pelos outros textos encarnando literariamente os ritmos e sentidos da modernização social para seus protagonistas, mas também para seu romancista.

Leio o “momento que passa” como expressão dos dilemas que emergem desta “tendência irrevogável” à democratização (Cf. MANNHEIM, 1963) na sociedade brasileira da qual *Mademoiselle*, *Gurya*, *Katucha* e *A Mulher da Madrugada* foram partes constitutivas.

Sobretudo, pela perspectiva sociológica dos processos integrados de formação, expansão e consolidação das classes médias e pequenas burguesias na ordem competitiva. Dinâmicas que se realizaram reflexivamente à conformação do pensamento burguês em “visões de mundo”, acomodando-se em formas ideológicas ou utópicas (Cf. LÖWY, 2003). Neste sentido, as “ideias, representações e orientações cognitivas”, além de socialmente condicionadas (LÖWY, 2003), orientaram os interesses e ações das classes sociais em disputa pelo controle das dinâmicas de modernização (Cf. BOTELHO, 2021).

Partindo do alerta de Wright Mills e Gerth (*apud* IANNI, 1972, p.21) de que “todo modelo de estrutura social implica um modelo de mudança histórico-social”, tomo o fenômeno sociológico da democratização (MANNHEIM, 1963) como indicador deste processo. De modo que a *tendência* à expansão democrática têm sido apenas um dos vetores da transformação estrutural mais ampla.

Podendo-se a partir dele caracterizar o conteúdo da mudança, como ela se processa, em quais sentidos e ritmos; mas, sobretudo, as condições pelas quais grupos

⁷ “Melle. Cinema, a minha Rosalina, faz parte da reduzidíssima família internacional de “snobs”, de elegantes e de “arrivistas”, cuja moral varia conforme a moda e conforme a indigente moralidade dos terceiros actos das peças francezas.

A virtude nada perde quando se aponta o vício. Nada perde a legítima e sagrada família brasileira em que eu aponte as “Melles. Cinemas” que andam por ahí...

- Ah! Não andam não? Ah! É imaginação mórbida de escritor? Pois bem. Aquelle que nunca encontrou uma “Melle Cinema” pelo seu caminho, que me atire a primeira pedra!...” (COSTALLAT, 1922).

e classes sociais passaram a empreender *suas lutas pelo controle político e cultural dos efeitos da mudança*.

Recuperar em Karl Mannheim este aspecto da transformação me interessa ao passo que ele ajuda iluminar o modo como uma classe se ajustou à mudança social, na ordem da cultura e do pensamento. Permitindo-me apreender Benjamim Costallat e seus romances como exemplos heurísticos de como uma classe encaminha a relação entre sua consciência e seus interesses na ordem burguesa. Quero reter dois elementos do argumento do autor para a ponderação sobre o desenvolvimento da democracia, a fim de pensá-lo em seu caráter antes sociológico do que político-institucional.

O primeiro deles é a compreensão do fenômeno a partir do conflito social pela formação das “maiorias” e “minorias” culturais, políticas, intelectuais em um contexto de desagregação estamental.

Assim, a “democracia política” emergiu tão somente como uma das “manifestações” de princípios culturais mais amplos MANNHEIM, 1963, p.249) pelos quais as classes foram postas à prova. Fundamentalmente, pela expansão dos referenciais cognitivos e culturais da *igualdade* e da *autonomia* do indivíduo que conformaram “a *contradição inerente à organização democrática da sociedade*”. Enquanto, forma de “aprendizado social” da sociedade democrática (MANNHEIM, 1963, p.276, *itálico meu, tradução minha*).

Esta própria contradição, entretanto, abriu frestas para que determinadas classes se mobilizassem na tentativa de represar ou neutralizar os efeitos dos esforços coletivos para a consolidação dos princípios democráticos. Este segundo aspecto implica imediatamente na realização do convívio democrático entre as classes no plano abstrato e material mais amplo. Observando a conformação de uma *intelligentsia* (Cf. MANNHEIM, 2008) como consequência da mudança estrutural nas sociedades capitalistas modernas, Mannheim sugeriu a “diminuição da distância social entre os grupos da minoria intelectual e outros setores da sociedade (MANNHEIM, 2008, p.288).

No entanto, a possibilidade de transformação dos intelectuais em “elementos exógenos” ao grupo de origem se realizou a partir das condições postas às “revoluções de classe média” (MANNHEIM, 2008, p.105).

Ou, em outros termos, das possibilidades de realização histórica das revoluções burguesas mundo a fora. Este processo, como pareceu sugerir Mannheim (1963), pode ser revelador do fenômeno sociológico da democracia. Como tradução das distâncias sociais pactuadas e estabelecidas na luta empreendida pelos agentes, podendo resultar em formas democráticas ou não.

As noções de autonomia (liberdade) e igualdade pareceram se combinar como norteadoras do pensamento moderno, tanto quanto dos processos de modernização estrutural. Uma vez que a “sociedade também é uma construção mental” (MANNHEIM, 2008, p.5), este pensamento pôde se enraizar nela própria através de uma relação reflexiva. Portanto, não se torna factível apreender o pensar como “um desenvolvimento orgânico” (MANNHEIM, 2008, p.14-5) e completamente autônomo, mas investigar pelos romances analisados

[...] que mentalidade é expressa pela obra de arte? Qual é sua identidade social? Que tipo de ações, situações e escolhas tácitas compõem as perspectivas nas quais o artista percebe e representa certos aspectos da realidade? Se as obras de arte refletem pontos de vista, valores e afirmações, quem são os protagonistas e quem são os antagonistas? Que tipo de reorientação é refletido nas mudanças de estilo? (MANNHEIM, 2008, p.17)

Fleta, um pequeno burguês intelectualizado nos anos 1920, recuperou em Rosalina (a “garota de época” representação do “amor moderno”) o frescor da vida. “Dás-me nova vida, nova crença de mim mesmo... Sim, mas não estou de todo perdido para o mundo, pois que esses meus primeiros cabelos brancos não me impedem de te ter toda minha” (COSTALLAT, 1922, p.89).

Contudo, a vida “mundana” parisiense (modelo de conduta para as frações de classes dominantes da sociedade carioca) arrefeceu a relação do casal; o romancista, representante do “bom burguez, respeitável pae de família, honrado comerciante estabelecido [...]” (COSTALLAT, 1922, p.134), era dominado pelo amor.

O amor que para Rosalina só tinha “uma noção comercial”; o mesmo amor que fez com que “em menos de dous mezes Melle Cinema [tivesse] inutilizado completamente o escriptor” (COSTALLAT, 1922, p.161). O pequeno burguês, ao afirmar-se historicamente na periferia do capitalismo, também estava culturalmente perdido em um mundo em transformação (ver MORETTI, 2014).

A desilusão de Roberto Fleta o faz se entregar à cocaína. Em um dos encontros com Rosalina no parque Robinson, “uma grade melancolia entrava-lhe pelo coração”. O romancista havia observado uma “tranquilla família burguesa” – um homem grisalho de 50 anos, sua esposa “ainda bem moça”, “sadia e forte” e dois filhos (COSTALLAT, 1922, p.164). Ali “recordava-se de sua casa em Santa Thereza” rodeado pela esposa e o herdeiro; em Paris “elle era um pobre diabo sem família, sem ninguém”. Rosalina, antes da droga, era seu “vício, o seu terrível e vergonhoso vício” (COSTALLAT, 1922, p.167).

Com a morte do ex-ministro Pontes em uma cama fria de bordel parisiense, Rosalina e a mãe retornam ao Rio de Janeiro. A jovem ainda recusou uma vida conjugal com Mário, quem conhecera no regresso, em uma “casa caiada” em Niterói.

Gurya (1929), Katucha (1931) e A Mulher da Madrugada (1934): representações e visões de mundo em Benjamim Costallat.

Mannheim (2008) circunscreveu o caráter social do conhecimento ao confronto que seus portadores travam com as “exigências de situações concretas”. Cumpriria à sociologia compreender as “raízes sociais do pensamento” (MANNHEIM, 2008,

p.10) por uma “visão integrada” (MANNHEIM, 2008, p.6) da “transformação [das] camadas sociais” e da mudança de suas “mentalidades”.

Isto é, articulando-as ao exame da “ação social e dos processos mentais” (MANNHEIM, 2008, p.6). Me parece, então, ser razoável qualificar os laços entre a empiria e o pensamento antes em termos de reflexividade do que de reflexão. Neste sentido, há uma passagem fina do argumento que busca dirimir a fragmentação antinômica entre o material e o abstrato na reflexão sobre as ideias e, portanto, sobre seus portadores⁸.

“Qualquer que seja a bússola intelectual dos homens que controlam o leme, dificilmente iriam eles arriscar-se a seguir um mapa enganoso” (MANNHEIM, 2008, p.13).

A composição literária das representações, perspectivas e enfoques de Costallat ganham inteligibilidade, sobretudo, através da estrutura que garantiu a realização da vida social naquele momento. Fleta e Rosalina foram “ideias comunicadas” no nível interno de “um contexto funcional”, e que colocaram em movimento o próprio “conjunto de sua situação social” (MANNHEIM, 2008, p.33).

Não se trata, portanto, de assinalar a causalidade social sobre as dinâmicas do pensamento. Mas, muitas das vezes, a reflexividade entre a cultura e o social, em que as visões de mundo encaminham politicamente os rumos do concreto.

Dito de outro modo, as brochuras de Benjamim Costallat compõem o cenário do romance moderno no Brasil, desenvolvido de maneira limitada e insipiente por uma cultura de mercado nos primeiros anos republicanos. Contudo, este mesmo fenômeno é constitutivo da situação histórica de uma pequena burguesia em formação entre os processos de modernização do capitalismo dependente e da tendência de democratização da ordem social.

Ora, qual visão de mundo se desenvolveu através destas obras culturais? Quais os limites da “relação constitutiva entre a práxis desses grupos e o que concretizam como valor ou desejo e projetam sob a forma de cultura (JAMESON, 1992, p.292)?” Como conceber o texto como um processo (Cf. JAMESON, 1992)?

Assim como Fleta, outros intelectuais compartilharam do protagonismo nos romances posteriores de Costallat. O mesmo vale para elementos literários como Rosalina.

Em *Gurya* (1929), Jean-Jaques de Carvalho e Carlos de Santis encarnam os intelectuais pequenos burgueses da narrativa. O primeiro, filho de portugueses, nascido em Paris e criado no Porto, chegou ao Rio junto dos pais quando a crise atingira os negócios familiares. O pai de Jean lhe deu o nome em virtude da admiração pelo

⁸ Nos diz Mannheim, “como foi possível [...] duvidar do caráter social do espírito e ignorar as implicações mentais da conduta social?” (MANNHEIM, 2008, p.18). E eu complemento, como foi possível ignorar as implicações concretas da conduta mental? A despeito da diferenciação entre o “nível social” e o “nível mental” não é possível separá-los empiricamente (MANNHEIM, 2008, p.27), contudo “o lócus da contradição não é a mente [...] mas as situações sociais concretas que dão lugar a aspirações conflitantes e [...] a interpretações antagônicas da realidade [...]” (MANNHEIM, 2008, p.22).

filósofo Rousseau; ainda em Portugal, o menino foi educado em escolas particulares, onde, com os livros, ganhou “uma superioridade de pensar e de atitudes que sua preguiça innata facilitava” (COSTALLAT, 1929, p.22).

Não muito tempo após o desembarque no Brasil, Jean casou-se com a dona Joaquina Conceição de Carvalho, filha do Conselheiro Conceição - "senhora dos antigos tempos, de boa origem, que tinha sido testemunha do desmoronamento de sua família e de sua própria fortuna" (COSTALLAT, 1929). Mas as coisas não andavam mal apenas para a parentela dos Conceição; com a morte do patriarca Carvalho, Jean herdara as dívidas do pai, e seus negócios lhe davam mais prejuízos que lucros (Cf. COSTALLAT, 1929).

Com os dois vivia Marina, “irmã de criação” de D. Joaquina e despesa a mais para os poucos recursos financeiros do casal. A esposa vivia a protestar contra a situação em que se encontravam: "Estamos sem dinheiro para as compras...". Jean-Jaques apenas reagia, "amanhã, minha filha. Amanhã eu trago. Mas, antes, olha só mais uma vez para essa gravura de Moreau. [...]"; Joaquina desesperava-se, mas sem sucesso: "com todos os seus Moreaus e os seus Voltaries, nós não temos o que comer!" (COSTALLAT, 1929, p.25).

Neste núcleo primário do romance, dois momentos narrativos assumem destaque para o desenvolvimento posterior do texto. Começo pelo último, pois ele é o momento que encaminha a virada da obra.

Marina engravidara de um estudante que a abandonou tão logo a descoberta da gravidez. Para Joaquina, observou o narrador, este momento consolidou a “desmoralização da sua casa”, sua irmã tornar-se-ia a “chacota do bairro”. No entanto, o prognóstico não se completou; Marina morreu no parto, após dar à luz a Mimi.

Por conta da nova integrante no lar, Joaquina e Jean-Jaques se repulsaram cada vez mais. Ela, por nutrir certo desprezo pela existência de Mimi – seu “ódio, surdo e incompreensível avolumava-se [...]”. Jaques, por adorá-la a ponto de vender todos os seus Balzacs em troca de uma boneca para a criatura.

A queda dos Conceição e Carvalho foi decretada com a morte súbita dos velhos, deixando a garota órfã aos 14 anos, no exato momento em que os estratos médios cariocas buscavam seu tempo de apogeu. O nascimento de Mimi consolidou a decadência de dois núcleos familiares, mas, sobretudo, o declínio de um amálgama familiar, aristocrata decadente e intelectual-negociante em ascensão ao longo da mudança social. Mimi foi a herança dos novos tempos, caracterizado por Costallat ainda em *Mademoiselle Cinema*.

O segundo momento que apresenta os impasses para o desenvolvimento da narrativa é a passagem geracional entre as representações literárias da pequena burguesia nacional e de sua herdeira direta nas dinâmicas de democratização (MANNHEIM, 1963); repetindo, em certo sentido, a forma do romance anterior.

O intelectual pequeno-burguês que abandona sua origem mercantil, Jean-Jaques, parece, como descreveu Costallat, interromper o futuro que se abria. A crise dos negócios e a paixão pelos livros, o levava a pensar que “no Brasil quem menos trabalha é quem mais ganha. Enquanto se fica em casa, corre-se menos riscos de perder dinheiro. E ganha-se na certa o dinheiro do bonde...” (COSTALLAT, 1929, p.29).

A opção pelos Balzacs e Voltaires rompeu com a estabilidade dos laços orgânicos e com a possibilidade de recuperar prosperidade dos negócios herdados; Jean se fechava para o mundo, devorando livros e mais livros em sonhos com o retorno à Avenida dos Campos Elíseos (COSTALLAT, 1929, p.27). Quando não, ironizou o narrador, preferia filosofar sobre as semelhanças entre homens e urubus (Cf. COSTALLAT, 1929, capítulo IV).

Ocupado com os afazeres do espírito, não há qualquer associação entre Jean, o trabalho burguês e o mundo externo; o velho sequer saía de sua residência no subúrbio de São Cristóvão.

Sem herança e com a morte dos responsáveis, Mimi se mudou para o centro do Rio, encontrando um emprego na casa de moda de Mademoiselle France, na rua do Ouvidor. Com Nenette, Mimi se entrega aos amantes e ao sexo⁹. Ela “passou assim três anos. Conheceu várias classes de homens. Todos lhe queriam a mocidade e em troca pagavam-lhe algumas contas de costureira...” (COSTALLAT, 1929, p.94). Não tinha preço fixo, era de quem mais desse; até conhecer Carlos De Santis – escritor de 40 anos, “sem uma afeição de mulher” até então.

Outro intelectual surge na trajetória de uma prostituta, ou de uma “garota de época”, como Benjamim Costallat (1922) havia definido Rosalina. E, grosso modo, com o mesmo destino de Fleta.

No entanto, o dilema de De Santis – “o velho escravo intelectual” (COSTALLAT, 1929, p.135) – e Mimi assentou-se no conflito riqueza e literatura. Apesar de transformar toda gota de tinta em dinheiro, “elle não conseguia sustentar o luxo de Mimi. E ella não poderia ser só delle. Nunca! Nunca!” (COSTALLAT, 1929, p.135). Ele poderia oferecer apenas “conforto e tranquilidade”, mas ela fugia dessa perspectiva.

“Agora, ella morava num dos arranha-céus do bairro dos cinemas. Um velho capitalista mantinha os seus caprichos.” (COSTALLAT, 1929, p.109). Mimi “arruinava” mais um homem¹⁰. Carlos

aos trinta annos tinha publicado catorze [livros]. Chegara à situação máxima de popularidade e de pretígio que um escriptor possa alcançar no Brasil. Em todos os jornais do paiz, sua colaboração era pedida. [...] O seu público. [...] Essa massa anonyma de todas as classes, o "seu" público, que confiava no seu carácter e no seu coração, e que recorria a ele,

⁹ “Da pequena empregada, virgem, para a jovem mundana, installada e mantida por vários “coronéis”, que ella substituiu e variava com uma arte infinita e arrancando-lhes o que podia com um desprezo immenso pelo dinheiro e pelos homens, a carreira havia sido rápida” (COSTALLAT, 1929, p.84).

¹⁰ “Mimi agora dominava o Rio. Era a mulher da moda. Disputada pelos homens de dinheiro, em leilão pelo mais alto preço.” (p.136) Ela já tinha arruinado dois homens ricos e feito a desgraça de três casais. “Por ella, homens austeros abandonavam a família, e fortunas sólidas eram abaladas” (COSTALLAT, 1929, p.36).

Para Mimi, o “dinheiro [era] o começo e o fim do mundo”, mas Carlos era apenas “um romântico...”; “como se pode viver sem dinheiro?”; “a vida inteira sem um automóvel?”; “MAS SOU DESTE SÉCULO E SOU MULHER!” (COSTALLAT, 1929, p.137).

quando precisava de um interprete para os seus sofrimentos e de um protesto para alguma injustiça! (COSTALLAT, 1929, p.139).

Em *Katucha* (1931) é a vez de João Alfredo, ocupado intelectualmente com os problemas e aflições da medicina, se apaixonar por Maria dos Anjos, conhecida no meretrício como Katucha.

Ele acaba por se tornar o médico particular da mulher, por quem também se apaixona. Não irei me deter na descrição do enredo, uma vez que ele repete em grande medida os anteriores e o próximo. Prefiro empenhar as próximas linhas em analisá-los formalmente. Entretanto, trata-se da impossibilidade de traduzir o “amor moderno” na constituição de uma família; todo homem era, para ela, apenas mais uma “vítima” (Cf. KATUCHA, 1929).

Com o médico, não foi diferente. Tampouco com Walter, intelectual amador de *A Mulher da Madrugada* (1934), empenhado em evitar “emocionar os seus sentidos”. Em outras palavras, buscando afastar-se dos riscos do amor moderno de Germaine. O que, como poderia se antever pelas escolhas literárias de Costallat, não foi possível.

Há algo na forma destes romances, que ao serem lidos em conjuntos, permite captar o fenômeno da democratização e da mudança social pelo ponto de vista da formação de uma pequena burguesia.

Dentre a qual, intelectuais e uma parcela relevante de seu público. Aquela que Wolfgang Iser (1999) chamou de leitores “virtuais”. Ou seja, o provável leitor que se aproxima do autor nas estruturas narrativas formalizadas pelo romance e, portanto, nas visões de mundo ordenadas por um estilo de pensamento. Relação intelectual estabelecida através da proximidade perigosa entre sujeitos e objetos do conhecimento.

Lucien Goldmann (1979), ao compor seu método para o estudo da literatura, definiu as “visões de mundo” em dois níveis. Por um lado, como “instrumento” analítico dos textos literários. Por outro, como um “conjunto de aspirações e de ideias que reúne os membros de um grupo (mais frequentemente, de uma classe social) e os opõem aos outros grupos” (GOLDMANN, 1979, p.20).

Nesta última dimensão, ela só pode ser captada através de uma “expressão concreta”, como o romance. Visto que ele é “expressão [...] de um fenômeno de consciência coletiva que alcança seu máximo de clareza conceitual ou sensível na consciência do pensador [...]” (GOLDMANN, 1979, p.21). Salvo engano, é na passagem reflexiva do nível empírico ao teórico que se pode captar o princípio ordenador do pensamento expresso nos textos¹¹.

¹¹ Goldmann (1973, p.44) nos diz que a relação entre a criação literária e a vida social não concerne à identidade de conteúdo destas duas dimensões da realidade humanas, mas às estruturas mentais, "o que se poderia chamar as categorias que organizam ao mesmo tempo a consciência empírica de um certo grupo social e o universo imaginário criado pelo escritor". Portanto, não se trata de uma relação de determinação cultural pelo social. Antes de ajustamento, para pensar com Franco Moretti (2014).

Em outras palavras, é no texto que a estrutura de pensamento (Cf. MANNHEIM, 2008) do autor se realiza, através das representações (AUERBACH, 2007) e imaginários encarnados pelas visões de mundo de uma determinada classe. Como foi o caso da prostituta e do pequeno burguês intelectual para o romanceiro de Benjamin Costallat.

Michael Löwy (2003, p.12) retoma a discussão para defini-las como a “perspectiva de conjunto, a estrutura categorial, o estilo de pensamento socialmente condicionado” das classes. A circunscrição de “um conjunto orgânico, articulado e estruturado de valores, representações, ideias e orientações cognitivas, internamente unificado por uma perspectiva determinada por um certo *ponto de vista* socialmente condicionado”. Elas são as ideias dispostas lógica e esteticamente sobre “o homem, a sociedade, a história [...] (LÖWY, 2003, p.13).

A forma do romance, portanto, ao formalizar os sentidos do processo social, elabora os “ajustes” entre os repertórios culturais e as “realidades de classe” (Cf. MORETTI, 2014). Dito de outro modo, a forma recupera o social ao recriá-lo através da dialética do concreto, dos conflitos por onde as classes sociais se realizam empiricamente.

Trata-se, então, de dois movimentos articulados pelos quais as classes encaminham seus dilemas e contradições socioculturais.

Portanto, não trata de postular as homologias entre a estratificação social, as visões de mundo e as formas artísticas (Cf. JAMESON, 1992). Todavia, perceber a qualidade objetiva das relações reflexivas entre as ideias e os processos sociais a fim de captar a própria dinâmica da vida social capitalista. Ou seja, recuperar os ajustamentos intelectuais suportados por dada formalização pela possibilidade de existência concreta das classes no mundo capitalista por meio de seus dilemas.

Em outras palavras, dar o passo da empiria à abstração ao requalificar como estas dimensões se relacionam. Estabelecendo teoricamente a princípio a reflexividade entre o mundo social e a literatura para, então, compreender a qualidade dos ajustes entre as “formas culturais” e as “realidades de classe” (MORETTI, 2014).

A pequena-burguesia, bem como todos os estratos de classe, elaboram e realizam sua existência prática no conluio entre a abstração e o material, embaralhando-os tanto quanto isso lhes possibilite encaminhar sua realização histórica.

A quem observa os emaranhados da ficção e da realidade pela perspectiva literária, cabe perceber que o estudo da forma é o estudo do poder, sendo as visões de mundo os postulados formais. (Cf. MORETTI, 2007).

No entanto, a forma (expressão literária da reflexividade entre as ideias e o processo social) interessa à medida que possa iluminar as intenções básicas do pensamento de classe, ao permitir qualificar a relação entre sua estrutura mental e sua situação social. Isto é, clarificar os conflitos centrais do capitalismo e da modernidade em dada sociedade.

Estilo de pensamento e a pequena-burguesia nos trópicos: As representações nos romances de formação de Benjamim Costallat.

Roberto Fleta, Jean-Jaques de Carvalho, Carlos de Santis, João Alfredo e Walter. Rosalina, Mimi, Katucha e Germaine. Representações literárias (Cf. AUERBACH, 2007) do que o próprio Costallat (1922) denominou o “momento que passa”.

A pequena burguesia intelectualizada e as prostitutas - ou “garotas de época” - afetadas pelo processo social do “amor moderno” e dos fenômenos de democratização (MANNHEIM, 1963). Elementos literários mobilizados pela narrativa da decadência de um mundo antigo justaposto à vida burguesa na capital do país.

Qual estilo de pensamento e, portanto, sua intenção básica (Cf. MANNHEIM, 1986) que sustentam esta forma de romance? Qual o passo possível para se combinar a sociologia da literatura à sociologia do conhecimento?

Há uma parte importante do argumento que não esgotarei aqui, mas que informa todo o trabalho com estas obras. Leio estes romances de mercado, produzidos por Benjamim Costallat em sua campanha de “nacionalização do livro”, como romances de formação (MORETTI, 2020).

Isto é, “como “forma simbólica” da modernidade” (MORETTI, 2020, p.29) por onde se procurar atribuir sentido aos processos de modernização, no conflito do velho e do novo, da tradição e do moderno. Investindo seu repertório simbólico literário, fundamentalmente, sobre o ritmo do tempo social a partir da perspectiva da mudança. Não à toa, é a juventude seu grande signo.

Para que a juventude se torne uma “forma”, deve emergir dela uma característica diferente, e, aliás, oposta àquelas há pouco descritas: a ideia, muito simples e até um pouco filisteia, de que a juventude não “dura eternamente”. É breve ou, de todo modo, tem um término, e permite assim, ou melhor, obriga a fixar a priori um vínculo formal à representação da modernidade. Somente ao domar sua natureza limitada e fugidia; somente ao aceitar trair, em certa medida, sua essência- somente assim seria possível dizer que a modernidade poderia vir a ser *representada*. Somente assim, podemos acrescentar, a modernidade pode ser “humanizada”. Vertida em forma, esta age como um órgão do nosso sistema emotivo e intelectual em vez de se contrapor a ele como aquela força externa que o bombardeia com aquele “excesso de estímulos” que – Simmel a Freud e deste a Benjamin- sempre foi considerado como a máxima ameaça do mundo novo.

E, no entanto... Dinamismo e limite, irrequietude e “sentimento do fim”: construída desse modo, sobre drásticas antíteses, a estrutura do romance de formação só pode ser *intimamente contraditória*. (MORETTI, 2020, p.30-31).

Até aqui, através das ferramentas teóricas da sociologia da literatura e da crítica literária, procurei captar as representações e o quadro de visões de mundo recorrentes nos romances de Benjamim Costallat. Insistindo, sobretudo, na maneira reflexiva pela qual as ideias integram, como “órgãos de nosso sistema emotivo e intelectual”, os processos sociais.

O que, como tenho procurado argumentar, permite a compreensão do concreto, isto é, das dinâmicas estruturais da sociedade (em seus atributos materiais e abstratos), por meio de seus movimentos e embates intelectuais. Uma vez que as classes agem e se conformam, em certa medida, pelas ideias que fazem de si mesmas – através de seus gostos, estilos, desejos, atitudes etc.

A questão passa a ser como recuperar da forma literária algum elemento pelo qual seja possível caracterizar uma fração de classe sem, no entanto, atribuir às ideias um caráter homólogo ou de espelhamento da realidade. Em outras palavras, compreendendo que as ideias de classe fazem às vezes da realidade social, porém não relativamente, mas em relação à uma totalidade. Apresentando-se pelo conflito entre autor e público, autor e obra, forma e processo social¹².

Neste caso, pensar a forma pelo “modo como classes diferentes, com pontos de vistas diferentes, confluem em uma situação histórica concreta” (WAIZBORT, 2007, p.67). Situada especificamente nos processos de modernização e de democratização da sociedade brasileira.

Essa confluência, a meu ver, é ajustada por um princípio formal (CF. SCHWARZ, 2008) típico de uma fração de classe – compartilhada entre o intelectual e seus leitores “virtuais” (ISER, 1999). Ou seja, ele mobiliza as intenções básicas de pensamento desta fração de classe por um estilo de pensamento.

À exceção de Jean Jaques, os integrantes da trama principal dos romances não passam dos 40 anos. As protagonistas são sempre mais jovens que os homens – as conhecemos em seus dilemas ainda na infância até o auge da adolescência. Isto é, frutos do tempo mais presente. Comumente, elas partem de famílias pequeno burguesas e consolidam a decadência destas.

Sobre os homens não se pode afirmar o mesmo, pois Costallat não descreve a origem de todos eles; todavia, são apresentados como agentes de suas próprias trajetórias. Um pouco mais adiantadas no tempo, porém malogradas pelo envolvimento com estas mulheres. Em outras palavras, antes se conhece sua condição burguesa pelos atributos individuais.

Para pensar esta atribuição mais geral de sentido às representações, os nomes das personagens dos romances são interessantes. Não posso precisar se as escolhas de Costallat foram deliberadas, isto é, conscientes. No entanto, elas me parecem apontar para uma simbolização das intenções básicas da pequena burguesia carioca ao ordenar uma estrutura de pensamento moderno mais ampla nos romances.

¹² Neste sentido, a ideia de ajuste elaborada por Moretti (2014) é interessante, pois ela não se encerra sobre a dimensão do apaziguamento da contradição. O ajustamento é, sobretudo, o modo como se resolvem as contradições internas da obras em relação à sua exterioridade.

Em breves consultas realizadas em dicionários de nomes próprios ou de sinônimos, pude observar uma tendência curiosa. Obviamente, não tenho pretensão alguma de remontar à uma etimologia destes substantivos próprios. Apenas explicitar algumas tendências. Começo pelos protagonistas.

Roberto é aquele de fama, reconhecido em sua atividade, o que brilha. *Fleta*, por seu turno, também pode ser utilizado para o ato de curvar-se ou inclinar-se; isto é, dobrar-se a algo ou por algo (flecta vem do verbo flectir).

Jean-Jaques, apesar da inspiração francesa em Rousseau, como descrevera Costallat (1929), esconde duas ideias importantes. Jean, ou João no português, é o homem agraciado por Deus; Jaques é uma variante bíblica de Jacó, o que vence.

Carlos tem origem no germânico Karl, o “homem livre, do povo”; *de Santis* alude ao que entenderíamos como um designado dos céus, em sentido religioso. *João Alfredo* complementa o sentido de *Jean*, trazendo em seu nome a composição de um conselheiro astuto. *Walter*, por fim, simboliza o líder, aquele que conduz os grupos ou exércitos através de sua liderança.

O curioso é que nenhum deles cumpre socialmente a promessa primeira de seus nomes; e não por razões individuais ou pelos impasses ocasionais da vida moderna na ordem de classes.

Fleta e de Santis são quem, parcialmente, o fazem. Uma vez que alcançam fama e reconhecimento pelo ofício intelectual. Mas tão logo se envolvem com *Rosalina* - a pequenina rosa, a bela flor - e Mimi, e descobrem o mundo dos vícios e perigos da vida moderna. Os outros dois se deparam com *Katucha*, variante hispânica para Kátia - “casta”, “pura”, “imaculada”; seu nome de batismo, *Maria dos Anjos* remete-se à senhora soberana, pura. E *Germaine*, a irmã pródiga. Ora, as gerações “mais burguesas” incorporam o signo do feminino como sintomas mundanos da vida moderna. E que acabam por levar os intelectuais à desilusão ou à decadência.

Este aspecto poderia ser desenvolvido a partir de múltiplas entradas. Mas quero desenvolvê-lo pela relação entre a intelectualidade pequeno-burguesa, heurística-mente tomada em Benjamim Costallat, e sua fração de classe de origem, a pequena burguesia em consolidação, a partir dos fenômenos de democratização.

O interesse está em analisar como este problema foi formalizado nas obras, revelando os conflitos concretos de uma época de “crescente autoconsciência” das classes e da reorientação das distâncias entre a *intelligentsia* e seu nicho.

Sobretudo, ao colocar o problema da situação de classe de autores da pequena burguesia, oriundos dos círculos mercantis de cultura, e sua atividade intelectual nos processos de modernização carioca.

Por uma face da moeda, o que se deu quando as personagens dos romances (re)descobriram as experiências da vida moderna? Por outra, o que se deu, em termos de estrutura de pensamento, com a relação entre intelectuais e seu público na expansão dos mercados culturais carioca?

Intenções básicas e a consciência possível de uma fração de classe: intelectuais, seu público e a modernização periférica.

Em todos estes romances, o intelectual pequeno-burguês, ao aproximar-se do mundo sensível – afirmando-o ou negando-o - sofre um abalo em sua trajetória de classe, intimamente associada à sua formação individual ou em seus núcleos orgânicos, como a família.

Roberto Fleita foi acometido pelo vício; Jean-Jaques beirou a miséria até sua morte; Carlos de Santis, após apaixonar-se, acabou quase surdo; Walter foi ludibriado pela amante e pelo professor de “indiferença”. Como apontado anteriormente, os processos de modernização foram representados pelo “amor moderno”, comercial, pelo qual as jovens se formaram, ao formarem seus parceiros literários.

No plano empírico, entretanto, este era o momento em que os processos de modernização estrutural burguesa no Rio possibilitavam que uma fração de classe específica se realiza-se culturalmente pelo mercado do romance.

Sérgio Miceli (2015) chamou estes intelectuais de “anatolianos” ou “polígrafos”. Isto é, agentes que passavam a se consolidar na estrutura social, deixando a condição de homens livres ao encarar os dilemas de sua situação concreta de classe. Como fração dominada da burguesia urbana em uma sociedade de herança estamental.

Me parece que as relações entre as personagens masculinas e femininas formalizadas por Costallat apontam para a intenção básica dos portadores sociais das ideias mobilizadas nestes romances. Cabe “descobrir as situações de ação, as estruturas de grupo e as escolhas que, de um modo ou de outro, estão envolvidas nas expressões de sentido” (MANNHEIM, 2008, p.35).

Portanto, o movimento que adoto caminha da forma ao arcabouço mental de um estilo de pensamento (MANNHEIM, 1986) que a sustenta. A fim de chegar ao princípio formal que promove os ajustamentos culturais da “consciência possível” (GOLDMANN, 1972) de uma fração de classe à sua realidade material.

Em outras palavras, se a análise formal é, em última instância, a análise do poder (Cf. MORETTI, 2007), apontar este princípio formal colabora para a compreensão da reflexividade entre ideias e processo social a partir de uma perspectiva dialética do concreto. Em que as classes se enfrentam também ao encaminhar suas realizações na dimensão cultural e abstrata do pensamento.

Benjamim Costallat fez parte das primeiras gerações de romancistas que escreveram para um público tipicamente burguês, que encontrou nas brochuras um artefato de cultura para o contato cotidiano com a literatura livresca.

Este fenômeno foi capaz de produzir, segundo uma série de pesquisas, os primeiros *best-sellers* nacionais¹³ Isto é, encadernações baratas que atingiram um novo público com vendagens expressivas para uma população em que apenas uma a cada duas pessoas sabia ler. Esta contradição em termos, a existência de *best sellers* em uma sociedade com índices expressivos de analfabetismo, apontam para as condições de realização estrutural deste fenômeno.

Em resumo, Costallat pode ser pensado como exemplo heurístico da ascensão de uma pequena burguesia letrada à vida pública no centro político do país. Sobre tudo, através do comércio livreiro – ainda insipiente e subordinado economicamente às oscilações do capital externo e do grande capital nacional em um momento de privatização de serviços públicos e de aumento dos custos de vida no Rio de Janeiro¹⁴

É esta relação subordinada ao poder econômico e político da autocracia-burguesa (Cf. FERNANDES, 2020) em um capitalismo dependente que informa as intenções básicas do estilo de pensamento deste público literário – autor e seu público “virtual” (ISER, 1999).

A ambivalência entre consolidação social empírica e decadência formal nos textos se apresenta no modo pelo qual o contexto (estrutural) se introjeta nas ideias destes romances de uma fração de classe. Passando a se refratar tanto em Costallat, bem como em Fleta, Jaques, De Santis, João Alfredo e Walter: todos pequeno-burgueses, uns mais e outros menos.

São, portanto, os limites estreitos entre as dinâmicas de mobilidade social e o perigo da decadência a partir dos efeitos da mudança que confluem nas intenções básicas do estilo de pensamento portado por este grupo heterogêneo. Neste sentido, ela se expressa nos romances através de um duplo processo formativo; o dos intelectuais ainda estreitamente vinculados à uma classe (condição possível de nossa *intelligentsia* pública nos anos 1920)¹⁵ em relação às “garotas de época” (COSTALLAT, 1922).

A forma representativa, em termos gerais, se consolida no problema da continuidade entre gerações, que não fogem ao espectro da diferença entre vinte a trinta anos. Ou seja, cronologicamente, situada na virada do XIX e a segunda década do XX.

O mais curioso, penso eu, é que os dilemas do processo de formação das protagonistas se encaminham dos efeitos do desenvolvimento das mulheres para o destino dos homens. Pois, a modernidade e seus conflitos, ao assumirem o signo do feminino apresentam-se como transitoriamente irresolutas, uma vez que as jovens estariam corrompidas pelo “momento que passa” (COSTALLAT, 1922).

No entanto, quem se aventura e tem sua trajetória de classe alterada pelos rumos da modernização são os personagens masculinos e intelectualizados (tomados aqui

¹³ Ver: El Far (2004); França (2010); O’Donnell (2012) e Farelo (2017).

¹⁴ Ver: Chazkel (2014).

¹⁵ Foi neste sentido que, algumas laudas atrás, sugeri a proximidade entre objeto e sujeito intelectual nos romances analisados.

como portadores heurístico das ideias de uma fração de classe). E que podem recuperar sua condição moral de classe quando se afastam das jovens.

Intelectuais decaídos por jovens corrompidas. A pequena burguesia ameaçada pela modernidade. A consciência de classe tensionada pelos princípios democráticos. Produtos das dinâmicas de aburguesamento da sociedade carioca que permitiram, em certa medida, reorientar as maneiras e referenciais epistemológicos pelos quais os grupos formulavam suas próprias questões na experiência da mudança social.

Relembro que Mannheim (2008, p.69) coloca este problema alertando-nos de se tratar de um momento histórico de “autodescobrimento dos grupos sociais”. Perguntar-se quem e o que somos, é, afinal de contas, “redescobrir nosso lugar na ordem social existente” (MANNHEIM, 2008, p.73). Mas a descoberta não é livre amarras, ela se faz através da “origem típica da consciência de grupo”, ou seja, “ela começa com a tentativa de um grupo de avaliar sua posição numa situação nova” (MANNHEIM, 2008, p.74).

Para o romancista Costallat, bem como para Fleta, de Santis, João Alfredo e Walter, a situação nova (enquanto intelectuais e burgueses) era a dissolução da sociedade patriarcal. Que não se processou no Brasil segundo os padrões europeus (Cf. FERNANDES, 2020), impactando as características da “mentalidade de um estrato aberto e fluido cuja análise sociológica fornece uma chave para o pensamento moderno” (MANNHEIM, 2008, p.95).

Em outras palavras, a formação truncada de um setor da *intelligentsia* carioca esteve totalmente vinculada às condições da revolução de classe média, o que revela aspectos da mentalidade moderna na periferia do capitalismo. Sobretudo, pela perspectiva da estrutura mental dos intelectuais de uma fração dominada da classe dominante que responderam a reconversão das distâncias sociais entre eles e outros setores da sociedade (MANNHEIM, 1963) a partir de sua vinculação classista. Isto é, buscando controlar os efeitos da democracia como fenômeno cultural para sua própria formação de classe.

Não à toa, o ofício intelectual desvinculado à reconversão econômica é desprezado na construção da personagem Jean-Jaques; nem os Balzacs, nem os Voltaires, evitaram que Mimi e os negócios caíssem em desgraça. A jovem, por sinal, corrompeu um intelectual com sucesso editorial. Por sinal, as atividades do pensamento apenas se legitimam nas obras pelo próprio sucesso convertido do mercado.

A valorização do “livre pensar”, se assim posso chamá-lo, não faz parte do estilo de pensamento que orienta as narrativas. O que faz os pensadores sucumbirem são a não reconversão das ideias em capitais e, sobretudo, os valores do amor moderno que deformam os autores e as conquistas materiais derivadas da mudança social.

Em outras palavras, os signos e estilos que ameaçam sua frágil posição de classe. Eis, um dos limites estruturais da “consciência [de classe] possível” (GOLDMANN, 1972) compartilhada entre Costallat e suas criações. O contexto encarnado no texto.

O estilo de pensamento conservador pequeno-burguês e o princípio da precariedade nos romances de Benjamim Costallat.

Até aqui, tentei argumentar que abstração e realidade estão implicadas reflexivamente na conformação literária e social do pequeno-burguês na periferia do capitalismo.

Localizada as condições históricas dos portadores das ideias no processo de mudança, cabe qualificar as intenções básicas pelo estilo de pensamento elaborado nessa situação. Adianto que se trata de um estilo de pensamento conservador (Cf. MANNHEIM, 1986), produto das relações de classe, porém atravessado por traços liberais.

No entanto, me focarei em seu caráter conservador mais saliente, buscando apreender sua unidade lógica formal para demonstrar como uma fração de classe enfrentou intelectualmente os princípios democráticos (Cf. MANNHEIM, 1963) para sua realização histórica. E, sobretudo, como este pensamento investiu suas forças na disputa intelectual forjando sua “*intelligentsia*” como um dos agentes culturais da moral de uma classe.

Penso que Costallat apresentou sua tese já no título ambivalente de *Mademoiselle Cinema* e, de maneira mais explícita, em “Cousas ditas antes do livro”. Aos poucos, e junto da transformação das condições materiais e intelectuais da sociedade, elas foram sendo incorporadas no desenvolvimento de suas narrativas.

Entretanto, as intenções básicas permaneceram as mesmas ao longo dos doze anos que separam o primeiro e o último romance. *Mademoiselle* é um romance de “costumes” do tempo que “passa”. O presente coincidente do autor e do enredo vislumbrava, portanto, um status de passado; como momento a ser superado, que, ao fim e ao cabo, passaria. O que se confirma formalmente no destino de todas as mulheres “de época” que parecem sucumbir aos próprios destinos da vida moderna tal qual imaginada pelos romances: a solidão, a não realização familiar ou a desgraça moral.

No entanto, a tensão reflexiva entre literatura e processo social se estabelece quando os perigos do “amor moderno” são elaborados por intelectuais pequeno-burgueses que não podem regressar materialmente ao passado investido pela tradição. A não ser imaginariamente, recuperando elementos simbólicos da ordem patriarcal que lhes garantam alguma vantagem no regime que se instaura; especificamente, no convívio com os efeitos do fenômeno cultural de democratização (Cf. MANNHEIM, 1963).

E aqui acredito se explicar a tese de “Cousas ditas...”. “Se mostro, quasi cynicamente, a prostituição com todos os seus detalhes, é como se eu dissesse – vejam como é bom ser honesta, ter uma casa, uns filhos, um marido, tanta coisa a que se

quer bem e que nos dá, em troca, amor, conforto, limpeza moral. [...] Faço, pois, moral ao meu modo” (COSTALLAT, 1922, itálico meu).

O excerto pode ser revisitado após a leitura do romance. Tomando “a prostituição” como figuração da *modernização* – isto é, a mudança social - e “uma casa, uns filhos, um marido” como *possuir um ponto de retorno, herdeiros e o controle da mudança*. O lar, a continuidade sociocultural e o patriarcado assombreados pela família.

“Não me venham fallar no bom nome da família brasileira offendido. Não me queiram intrigar com o que há de santo e honesto. A família brasileira, a legítima brasileira, eu a conheço e a venero” (COSTALLAT, 1922). As questões que me parecem fundamentais para esta leitura podem ser desdobradas nas maneiras como as protagonistas assumem estas teses e pelas intenções do pensamento que costumam os textos de Costallat.

Fleta, De Santis e João Alfredo capitalizam, até o limite suportado pelas narrativas, a “razão” a fim de manterem os valores da vida burguesa em um horizonte de possibilidades restritas do capitalismo dependente. São romancistas de sucesso editorial e um médico que dão sentido às atividades do intelecto a partir de um caráter funcional. Isto é, através da possibilidade de reconvertê-las em meios de existência (não necessariamente econômicos). Jean-Jaques e Walter fracassam já no ponto de partida, uma vez que não as transformam em coisa alguma, a não ser no próprio gozo ou no vagar pela cidade.

Em certo sentido, os signos da razão são traídos em nome dos efeitos da vida terrena em seus portadores; o pensamento se limita ao concreto e ao real, pois somente sua restrição é capaz de orientar as protagonistas frente à sua situação de classe. Em outras palavras, está é a razão pela qual se torna possível conceber um romance de formação pequenos burguês na periferia do capitalismo pelo estilo decadentista.

Internalizando de um modo particular o que Florestan Fernandes (2020) denominou como reação sociopática à mudança das classes dominantes. De modo que não há qualquer protagonismo das ideias como alternativa progressista ao modo como as coisas se apresentam. Elas se convertem apenas em desilusão e deformação de classe das personagens pelos costumes modernos.

A mirada “por trás” (Cf. MANNHEIM, 1986) do processo social por estes homens é emblemático da resolução formal possível pela qual este setor da sociedade buscou dar conta do momento que passava. Fundamentalmente, no intuito de ajustar sua consciência à sua situação classe via literatura. Costallat, seus narradores e personagens tiveram de mobilizar a gramática de um passado a partir das condições que lhes foram colocadas pela mudança social. De modo a combinar, os ideais de trabalho e de expansão dos mercados em uma sociedade que os generalizava progressivamente. Porém, ainda atravessada por valores e costumes estamentais dos quais a pequena burguesia compartilhava pouca coisa em termos de recursos ou exercício do poder (distinto da autoridade) na esfera pública.

Assim, se impõe estilisticamente o princípio da necessidade como resposta à invasão do passado pelos valores e costumes modernos. Os dilemas são colocados

em termos de função, encarando o “real” como “produto de fatores reais; mas também [tentando] compreender o modelo [de explicação do real] em termos do real” (MANNHEIM, 1986, p.120).

Não. Não me fizeram para ser uma mulher honesta. Fizeram-me para ter muitas “toilettes” e para ter muitos amantes. Aliás, uma mulher com muitas “toilettes” não pode viver para um homem só. A elegância é um função do amo. E quando uma mãe, como a que possuo, faz tanta questão que antes dos 15 annos a sua filha tenha uma “lingerie” maravilhosa, muito leve e muito bordada; que antes dos quinze annos ella se vista excitantemente [...] e agrade esses mesmos homens com recursos de prostitutas – é que visivelmente essa digna mãe não pretende que a sua filha vá para algum convento. [...]. Melle Cinema, cynicamente, revistava a sua própria alma.” (COSTALLAT, 1929, p.181-2)

O pilar do raciocínio funda-se na concepção não-individualista da estrutura social, outro marco do pensamento conservador. A fins de exemplo, ele pode ser recuperado na autorreflexão (transcrita abaixo) do narrador de Benjamin Costallat em *Mademoiselle Cinema* (1922). Ele acaba por explicitar que os pactos sociais seriam de interesse da sociedade nacional, e apenas ela seria capaz de regular a convivência entre os indivíduos. Todavia, o conjunto social é tomado dos hábitos, crenças e modos de associação das maiorias (elaboradas dentro da estrutura compreensiva do pensamento conservador).

De certa forma, os interesses da sociedade seriam depurados pelas unidades orgânicas; sobretudo, a família. Porém, não qualquer família.

E aquellas meninas de família *do século* faziam os seus cálculos de conquista, a somma de novos admiradores adquiridos, o balanço de seus conquistados, como prostitutas entre si recapitulando extenuadas um dia de labor sexual. [...]

Que pensa fazer essa honrada sociedade de “après guerre”, de todos os paizes, das suas filhas, das suas virgens, das suas meninas com esse regimen excitante, de dansas carnaes, de liberdade de “garçonnes”, de criaturinhas educadas para o gozo e para a libidinagem? *Que pensa fazer essa honrada sociedade de suas filhas?*” (COSTALLAT, 1922, p.39 e 183, itálico meu).

Os processos de modernização, dentre eles o fenômeno da democratização (MANNHEIM, 1963), desaguam no corrompimento desta instituição, alicerce do pensamento conservador e da realização de classe pequeno-burguesa nos textos. Fundamentalmente, pela invasão de hábitos e costumes importados de outros tempos e lugares, encarnados na conduta de Rosalina, Mimi, Katucha e Germaine.

Era assim que Walter via o Rio de suas andanças. “A Urca lembrava a “White City” de Londres e o “Magic City” de Paris pelas suas luzes fééricas. Trazia [...]

perfume de civilização de outros continentes.” (COSTALLAT, 1934, p.34). Impactando, sobremaneira, para pensar com Mannheim (1986, p.108), a “realização da sociedade nacional” e a “solução das questões sociais”.

Olhou para aquelle corte de dous quilômetros que vae de mar a mar e que tinha derrubado parte do velho Rio, abrindo horizontes novos para as construcções e o commercio, e que tinha posto abaixo, principalmente, velhos costumes. O aspecto do Rio mudara totalmente. Mas mudara também sua physionomia moral. A Avenida como que havia revolucionado a cidade. Trouxera-lhe o primeiro grande sôpro de vida moderna. O grande theatro, a grande biblioteca, os grandes hotéis, as grandes lojas, em summa, com o seu cortejo de luxo e de vaidades. Ella preparara a época da meia de seda, dos cabellos curtos, das melindrosas, das dansas, do cinema, dos rádios e dos arranha-céos. (COSTALLAT, 1934, p.146-7).

Embora os narradores de Costallat enfatizem simbolicamente as condutas das “garotas de época”, eles só o fazem como elemento de um conjunto mais amplo, com ressonância nas instituições, crenças e modos de sociabilidade. Visto pelo ângulo da mudança social, a transformação das coisas e das propriedades preparou, aos olhos de Walter, a transformação íntima dos hábitos e costumes; as coisas tornaram-se medida e semelhança de seus proprietários, constituintes da “relação recíproca” entre pessoa e objeto (MANNHEIM, 1986, p.113).

Em contraposição ao paradigma contratualista liberal e à autonomização das esferas da vida social, a época do comércio e das construções é o momento da vaidade das melindrosas; das jovens mulheres prostitutas – efeitos da primeira geração do regime de classes e do fenômeno cultural da democratização (MANNHEIM, 1963).

Elementos de um mesmo todo, elas são as responsáveis por lançarem seus amantes intelectuais ao ocaso existencial, quando da aproximação do “amor moderno”. Mesmo que estes pequeno-burgueses, seja nos romances ou nos processos sociais, tivessem se empenhado na consolidação da ordem classista.

Isto, porque, a sociedade é pensada por sua pretensa natureza orgânica. Não podendo ser diferente o raciocínio empregado para a realização da ordem classes; como produto da história, formalizando as tensões entre produção e reprodução em termos de conservação da autoridade legitimada pela natureza do corpo social.

Ao fim e ao cabo, a possibilidade de realização da célula orgânica familiar se fechou para todas as protagonistas, comprometendo a salvaguarda da autoridade masculina. A prostituição, como representação literária atribuída aos princípios contratuais modernos¹⁶, obstaculizou a realização burguesa dos intelectuais nos romances de Costallat.

Eles morrem, se entregam ao vício ou se submetem a tratamentos médicos para o reestabelecimento de sua almejada “situação de classe”. Elas seguem a trilha da prostituição, expondo a contradição do modo de vida capitalista. O apelo à moral

¹⁶ Ao enfatizar o poder e deslocar o lugar social e político da autoridade.

aterriça o dilema pequeno burguês entre o *trabalho* e o *não-trabalho* para a acumulação de capitais na sociedade competitiva.

No limite, este é o papel ficcional de Rosalina, Mimi, Katucha e Germaine, como solução literária deste problema para o pensamento conservador pequeno-burguês. Onde cabe a elas representar ficcionalmente os impasses entre a produção, na reflexão sobre o trabalho intelectual, e a reprodução, na impossibilidade de uma prostituta ser mãe - sob o signo da necessidade.

Afinal, é esta contradição que faz do romance de formação pequeno-burguês tornar-se um romance de “deformação” (Cf. Cohn *apud* BASTOS, 2020, p.680) de classe. Elaborando, sobretudo, os efeitos da mudança social em um capitalismo dependente para uma fração dominada da classe dominante. Em ascensão, porém em condição de dupla dependência e de maneira precária. Pela qual, a defesa dos núcleos orgânicos é mobilizada como determinante para sua própria realização na ordem competitiva.

É internalizando esta situação de classe pelo *princípio formal da precariedade* que as dinâmicas de modernização podem ser elaboradas nos textos. Como um processo fugidivo, ameaçador que desvirtua costumes patriarcais, a despeito do protagonista da mudança não compartilhar desta condição com outros setores dominantes. Este princípio se complementa, ao passo de se diferenciar, do princípio da “volubilidade” de outras protagonistas burguesas de nossa literatura (Ver: SCHWARZ, 2008).

Pelo simples motivo que é mais penoso para esta fração de classe conciliar empiricamente os desafios postos pelo regime capitalista na dissociação das esferas produtivas e reprodutivas da vida social.

“Viverei, eternamente, entre *gente indiferente*; servirei de instrumento do gozo passageiro dos homens; dansarei, dansarei... [...] Não terei a *velhice santa, respeitável e serena das mães e das avós*.” (COSTALLAT, 1922 p.257-8, itálico meu); “Os seios das prostitutas não foram feitos para as bocas *inocentes* das criancinhas” (COSTALLAT, 1931, p.127, itálico meu); “Germaine havia sido a mulher da madrugada... Mas de uma madrugada... *E outras estavam para nascer*...” (COSTALLAT, 1934, p.169, itálico meu).

Excertos como estes cruzam todo o romanceiro de Costallat. São eles que completam narrativamente o movimento íntimo de associação intelectual das mudanças materiais às humanas. Constituindo-se, assim, uma crítica à ruptura capitalista moderna das esferas da vida social. No entanto, elas partem da desigualdade irreconciliável entre as protagonistas para conceber qualitativamente o exercício da liberdade encarnado pela experiência moderna das garotas de época.

É assim que Rosalina pode afirmar na última página do romance de 1922 que será “eternamente, a Melle Cinema!” (COSTALLAT, 1922, p.260). Não apenas para si mesma como para aqueles que sempre encontrarão uma mademoiselle pelo caminho¹⁷. Eis, a contradição que o pensamento pequeno-burguês defrontou para

¹⁷ Diz Costallat em “Cousas ditas...”:

realizar-se como classe – empírica e abstratamente. Aproximando intelectualmente o romancista Costallat de seu público virtual (ISER, 1999).

Em suma, este artigo buscou investigar como a forma do romanceiro de Costallat resolveu literariamente os impasses da formação de uma pequena-burguesia em letramento nas primeiras décadas do século XX. Observadas suas representações, figurações e visões de mundo, e a reflexividade mantida com o processo social, argumentamos que estes textos podem ser lidos como romances de (de)formação burguesa na periferia do capital. Tendo sido assentado por um estilo de pensamento conservador.

Bibliografia:

- AUERBACH, Erich. *Mimesis: a Representação da Realidade na Literatura Ocidental*. São Paulo: Perspectiva, 2007.
- BASTOS, Élide Rugai. A História Nunca se Fecha. *Revista Sociologia & Antropologia*. Rio de Janeiro, v.10.02, 2020.
- BASTOS, Élide Rugai; BOTELHO, André. Para uma Sociologia dos Intelectuais. *DADOS – Revista de Ciências Sociais*, Rio de Janeiro, vol. 53, n. 4, 2010.
- BOTELHO, André; HOELZ, Maurício. Sociologias da Literatura: do reflexo à reflexividade. *Tempo Social, Revista de Sociologia da USP*, v. 28, n. 3, 2016.
- CHAGURI, Mariana. O Social, o Político e a Força das Ideias. *Revista Sociologia & Antropologia*, Rio de Janeiro, v.10.01; 2020.
- CHAGURI, Mariana; MEDEIROS, Mário. Introdução In: CHAGURI, Mariana; Medeiros, Mário. *Rumos do Sul: periferia e pensamento social*. São Paulo: Alameda, 2018.
- COSTA PINTO, Luís A. *O Negro no Rio de Janeiro: relações de raças numa sociedade em mudança*. São Paulo: Editora Nacional, 1953.
- COSTALLAT, Benjamim. *Mademoiselle Cinema: novela de costumes do momento que passa*. Rio de Janeiro: Costallat & Miccolis, 1922 (1923).
- COSTALLAT, Benjamim. *Gurya*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1929.
- COSTALLAT, Benjamim. *Katucha*. Rio de Janeiro: Editora Getúlio Costa, 193?, 3ª edição (1ª edição é de 1931).
- COSTALLAT, Benjamim. *A Mulher da Madrugada*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1934.

“Melle. Cinema, a minha Rosalina, faz parte da reduzidíssima família internacional de “snobs”, de elegantes e de “arrivistas”, cuja moral varia conforme a moda e conforme a indigente moralidade dos terceiros actos das peças francezas.

A virtude nada perde quando se aponta o vício. Nada perde a legítima e sagrada família brasileira em que eu aponte as “Melles. Cinemas” que andam por ahí...

- Ah! Não andam não? Ah! É imaginação mórbida de escritor? Pois bem. Aquelle que nunca encontrou uma “Melle Cinema” pelo seu caminho, que me atire a primeira pedra!...” (Costallat, 1922)

- FERNANDES, Florestan. *A Revolução Burguesa no Brasil: ensaio de interpretação sociológica*. São Paulo: Contracorrente, 2020.
- FRANCO, Maria Sylvia. *Homens Livres na Ordem Escravocrata*. São Paulo: Editora Unesp, 1997.
- GOLDMANN, Lucien. *A Criação Cultural na Sociedade Moderna (por uma sociologia da totalidade)*. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1972.
- GOLDMANN, Lucien. *Dialética e Cultura*. Rio de Janeiro: Paz & Terra, 1979.
- IANNI, Octavio. Estrutura e História In: IANNI, Octavio (org). *Teorias de Estratificação Social* (Leituras de Sociologia). São Paulo: Editora Nacional, 1972.
- ISER, Wolfgang. *O ato de leitura: uma teoria do efeito estético*. Vol.2. São Paulo: Editora 34, 1999.
- JAMESON, Fredric. Reificação e Utopia na Cultura de Massa. *Crítica Marxista*. São Paulo, n. 1, p. 1-25. 1994.
- LÖWY, Michel. *As Aventuras de Karl Marx contra o Barão de Munchausen: marxismo e positivismo na sociologia do conhecimento*. São Paulo, Cortez: 2003.
- LUKÁCS, George. *A Teoria do Romance: um ensaio histórico-filosófico*. São Paulo: Duas Cidades, Editora 34, 2000.
- MANNHEIM, Karl. *Ensayos de Sociología de la Cultura: hacia una Sociología del Espíritu el Problema de la Intelligentsia la Democratización de la Cultura*. Madri: Aguilar, 1963.
- MANNHEIM, Karl. O Pensamento Conservador In: MARTINS, José de S. (Org.). *Introdução crítica à sociologia rural*. São Paulo: Hucitec, 1986.
- MANNHEIM, Karl. *Sociologia da Cultura*. São Paulo: Perspectiva, 2008.
- MICELI, Sérgio. *Intelectuais à brasileira*. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.
- MORETI, Franco. *Signos e Estilos da Modernidade: ensaio sobre a sociologia das formas literárias*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.
- MORETI, Franco. *O Burguês: entre a História e a Literatura*. São Paulo: Três Estrelas, 2014.
- MORETI, Franco. *O Romance de Formação*. São Paulo: Todavia, 2020.
- TAVOLARO, Sérgio. A Tese da Singularidade Brasileira Revisitada: Desafios Teóricos Contemporâneos. *Dados [online]*. 2014, v. 57, n. 3, pp. 633-673.
- WRIGHT-MILLS, Charles; GERTH, Hans. A Mudança Histórico-Social In: IANNI, Octavio (org). *Teorias de Estratificação Social* (Leituras de Sociologia). São Paulo: Editora Nacional, 1972.

Resumo:

Neste artigo, proponho pensar a consolidação da pequena burguesia na periferia do capitalismo através da forma literária dos romances de Benjamim Costallat – o que não tem sido comum na bibliografia dedica ao estudo destas obras. Assim, me interessam as representações, figurações e soluções atribuídas pelos livros como chaves para a compreensão da formação de uma classe por meio das ideias que lhes ajudaram a elaborar os efeitos e sentidos da mudança social. Sustentarei a hipótese de que os textos podem ser lidos como romances de formação. E que também forjaram sentidos para modernidade capitalista mobilizando um estilo de pensamento conservador, assentado pelo que chamarei de princípio formal da precariedade.

Palavras-chave: pequena-burguesia; literatura; estilo de pensamento; conservadorismo.

Abstract:

In this article, I propose to think about the consolidation of the petty bourgeoisie on the periphery of capitalism through the literary form of Benjamim Costallat's novels. Thus, I am interested in the representations, figurations and solutions attributed by the books as keys to understanding the formation of a class through the ideas that helped them to elaborate the effects and meanings of social change. I will support the hypothesis that the texts can be read as formation novels. And that also forged meanings for capitalist modernity by mobilizing a conservative style of thought, based on what I will call the formal principle of precariousness.

Keywords: petty bourgeoisie; literature; thinking style; conservatism.

Recebido para publicação em 15/10/2022

Aceito em 07/02/2023

 **ACESSO ABERTO**

Copyright: Esta obra está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional.

